

Começa hoje a nova pregação de Maílson

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, inicia hoje uma série de reuniões com lideranças empresariais com uma má notícia: as últimas projeções sobre o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) mostram que dificilmente a inflação de outubro será inferior a 40%.

Segundo fontes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os preços de tarifas públicas, materiais de higiene e limpeza e de alimentos industrializados serão os principais responsáveis pela nova alta do índice. Os três grupos tiveram fortes reajustes na segunda quinzena de setembro e refletirão no IPC de outubro, cuja coleta de preços termina dia 15.

O ministro levará às reuniões um apelo patriótico para convencer os empresários de que não vale a pena apostar no pior. Nas últimas duas semanas, técnicos do Ministério da Fazenda constataram reajustes de até 40% em 15 dias. "Está havendo uma especulação generalizada", avalia um assessor direto de Maílson. Segundo ele, esse clima foi motivado pelos erros na fixação das taxas do **over**, de dez dias para cá. Existe o temor de que o único instrumento de política econômica à disposição do governo — a elevação da taxa do **over** — não tenha mais fôlego para segurar os preços dos ativos reais, como ouro e dólar.

Técnicos do governo vêm com pessimismo às novas tentativas do ministro para debelar a explosão da inflação através de um acordo informal com os empresários. "A inflação é formada hoje pelos juros do **over**, os preços públicos e os salários", observa um

assessor da Secretaria do Planejamento. O governo deve aumentar o espaço entre os reajustes dos preços e tarifas públicas, mas essa tática pode provocar mais tumulto no mercado. Seria uma clara sinalização de perda do controle do déficit e causaria uma prevenção para um futuro choque tarifário.

Salários e eleição

Os reajustes dos salários, este mês, também preocupam o governo. O salário mínimo terá um aumento de 12,55% além do IPC de 35,9%. Pior, se for mantido o pagamento de 152% aos funcionários do Banco do Brasil. Nesse caso, todas as empresas e bancos estatais entrarão também na Justiça pela reposição da inflação de janeiro. O Conselho Interministerial de Salários das Estatais (Cise) já está sofrendo pressão das estatais.

Em julho, quando Maílson da Nóbrega iniciou as reuniões com os empresários, previa-se um "setembro negro". O caos acabou sendo transferido para outubro. "Em julho, o governo segurou os preços públicos e a sucessão presidencial estava calma com Collor de Mello firme na frente", argumenta uma fonte. Por esta expectativa, a tendência é o mercado continuar agitado até as eleições de novembro.

As reuniões de hoje à tarde, no Ministério da Fazenda, começam com os fabricantes de material de limpeza e higiene e terá, frente a frente, fabricantes, atacadistas e donos de supermercados. Depois será a vez dos representantes do setor de alimentação e das indústrias de eletrodomésticos.

